

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA
www.comunhaolisboa.com

ANO 27

Nº 169

NOVEMBRO - DEZEMBRO
2009

| Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão : | Índice | Página |
|---|-------------------------------|-----------|
| | Editorial | 2 |
| Calçada do Tojal, 95, s/c | Palavras de Kardec | 6 |
| 1500-592 Lisboa | A Esperança | 9 |
| Telefone : 217 647 441 | Falando sobre a Bíblia | 11 |
| * | Natal (Poema) | 15 |
| Director Responsável : | A Morte do Amor | 16 |
| Manuela Vasconcelos | 2 Páginas do Passado | 20 |
| * | O Natal Perdido | 24 |
| Tiragem : 150 exemplares | Quatro velas a arder | 29 |
| Distribuição Gratuita | Natal | 31 |
| * | | |
| Registo nº.211720 | * | |
| Depósito Legal Nº. 13972 | | |

EDITORIAL

Há vários assuntos a comentar, neste número, e, sinceramente, fica-nos a dúvida de qual deverá ser o primeiro.

Depois de pensarmos um bocadinho, decidimos ordená-los pelos meses respectivos, para não criarmos nenhuma confusão.

Foi em Setembro, se não nos enganamos, que os jornais (alguns), sugeriram que, assim como existe o dia do Pai, da Mãe, dos avós... e todos os outros que, nos últimos anos têm sido “inventados”, que fosse festejado, igualmente, o dia da natalidade... é assim a modos que muito parecido com o dia do Natal, embora “natalidade”, para sermos mais precisos, signifique um conjunto de nascimentos... e nós perguntamo-nos: para quê?

Não bastam, já, todos esses dias ‘especiais’ que foram criados para uma satisfação comercial? Para uma venda maior dos artigos que cada um representa ou tem no seu estabelecimento e com o qual deseja auferir um pouco mais de lucro? É que, na nossa opinião, “o dia de...” está no coração, no sentimento de todo aquele que o deseje festejar ou, com a sua lembrança, homenagear este e aquele ser que mais ame!

Infeliz aquele pai, aquela mãe, aqueles avós que sejam unicamente lembrados nas datas assinaladas para eles! Infeliz porque, na nossa simples opinião, o dia dos pais é todos os dias, da mesma maneira que qualquer outra referência esteja, afinal, assinalada diariamente no amor, na preocupação, no sentimento de cada um que ame e se preocupe com os seus entes queridos...

Dia da natalidade... não tem, cada um de nós, o seu dia específico, no qual comemora ou lhe fazem lembrar o seu nascimento, os anos que já viveu com mais ou menos dores, doenças, lutas e vitórias? Cada ano, se representar uma página do Livro da Vida que formos escrevendo, quantas esperanças... quantas desilusões não estarão já ali registadas?



No dia 18 de Outubro a nossa Presidente deslocou-se a Setúbal, para fazer uma palestra na “Associação Espírita Luz e Amor”. Recebida, fraternal e galhardamente pelo casal Bandeira, e outros membros da Direcção, ao começar a falar recordou um outro momento em que ali, naquela mesma Casa, tinha feito a sua primeira palestra fora das paredes do Centro que representa. Recordou Irmãos já desaparecidos, como o casal Doroteia, e referiu o tempo em que, conjuntamente com Emídio Bandeira, e outros elementos de outras tantas Associações, tinham colaborado activamente na Federação Espírita Portuguesa.

E, depois do momento em que recordou um pouco o passado ainda presente, começou, então, e durante perto de hora e meia, a apresentar o seu trabalho sobre o apóstolo Pedro – A Pedra, tendo depois, e ainda durante quase mais uma hora, respondendo a perguntas que lhe foram sendo feitas e trocando ideias com outros Irmãos presentes.

Foi um convívio muito agradável que, tal como o primeiro, com certeza não será esquecido.



Ainda durante o mês de Outubro fomos lendo em diversos jornais e revistas, ou ouvindo nos canais televisivos, o nome da atriz brasileira Maité Proença que, num programa da TV Globo, no qual participa, terá afirmado e mostrado umas imagens menos felizes referentes a uma sua estadia aqui... o que ela disse pensar de Portugal e dos portugueses, e da maneira como agiu ao visitar um monumento!

Desculpem, mas não alinhamos na indignação geral que tomou conta de uns e outros... Vamos analisar? Será que deixámos de ser quem somos só em função do que ela afirmou? Não! Será que o Monumento Português, marco de uma página da nossa História, que já existe há séculos e continuará para além dela e para além de todos nós, ficou destruído pela sua atitude? Não! Então, em que foi que ela nos afectou? Em nada; apenas, e aqui nós temos que referir a nossa atitude bem portuguesa: aqueles que a receberam, que andaram “com ela ao colo”, como se costuma dizer, o que fizeram com ela e, antes dela, com todos os que nos têm visitado normalmente na ideia de aqui angariarem uns cêntimos mais à nossa custa e à custa da nossa ingenuidade, esses podem sentir-se defraudados no carinho com que a trataram. Se ela não o soube retribuir... e “brincou” com o que lhe apeteceu e como apeteceu, o problema é só dela que se diz descendente de portugueses! Em primeiro lugar ofendeu-se a ela própria e mostrou, isso sim, que não prima muito pela educação... Então, em vez da indignação que afectou uns e outros, porque não juntarem-se, e oferecerem-lhe um “Manual de Etiqueta e Civilidade”? Talvez, de uma próxima vez que venha a Portugal ela mostre que aprendeu alguma coisa...

O que importa, em todo este assunto, é a maneira galharda com que a receberemos o que, com certeza, faremos igualmente

com todos os que entrem em Portugal... De resto, como o nosso País, apesar da sua pequenez comparativamente com o do Brasil, é tão rico em Monumentos, talvez ela tenha uma desculpa: não sabia o que é um Monumento nem o seu significado histórico... Talvez tenha sido o primeiro que viu...

Vá lá... deixemos de nos preocupar com assuntos de “lana caprina” como este! Há tanta coisa tão mais importante e que deverá, realmente, merecer a nossa atenção!



E porque o tempo vai passando, virando célere, as folhas do calendário, estamos já quase, quase, a viver de novo a época natalícia. Mas, iremos vive-la como ela merece ou... deixar-nos-emos envolver, apenas, pelo entusiasmo daqueles que fazem do Natal uma época de troca de presentes, sem pensarmos no simbolismo verdadeiro da sua data?

Nós, que a vivemos e sentimos diferente, desejamos a todos os nossos leitores, um *Santo Natal com Jesus reinando no coração de cada um.*

Feliz Natal para todos!

A DIRECÇÃO



PALAVRAS DE KARDEC

ESTUDO DA NATUREZA DE CRISTO

IV– Palavras de Jesus depois da morte

(continuação do capítulo III)

“Disse-lhe Jesus: Nem me toques, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos, e dize-lhes que **vou para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus.**” (João, XX, 17).- Aparição a Maria Madalena).

“E chegando , Jesus lhes falou dizendo: **Tem-se-me dado todo o poder no céu e na Terra.**” (Mateus, XXVIII, 18 – Aparição aos Apóstolos).

“Ora, vós sois testemunhas destas coisas. E eu vou mandar sobre vós o **dom, que vos está prometido por meu Pai.**” (Lucas, XXIV, 49 – Aparição aos Apóstolos).

As palavras de Jesus, durante a sua vida e depois da morte, acusam uma dualidade de pessoas perfeitamente distintas, ao mesmo tempo que o profundo sentimento da sua inferioridade e subordinação relativamente ao ser Supremo. A sua insistência em afirmá-lo espontaneamente, sem que fosse constrangido ou provocado por quem quer que fosse, parece ter tido por fim protestar, antecipadamente, contra o papel que, segundo previa, lhe haveriam de querer um dia emprestar. Se tivesse guardado silêncio sobre a sua personalidade, teria deixado a porta aberta a

todas as suposições; a sua linguagem precisa e categórica dissipa, porém, toda a dúvida.

Que maior autoridade do que as próprias palavras de Jesus? Quando Ele diz categoricamente: eu sou, ou eu não sou isso, quem tem o direito de desmenti-lo, ainda que sejam para colocá-lo mais alto? Quem pode, razoavelmente, pretender, melhor do que Ele, conhecer-lhe a natureza? Que interpretações podem prevalecer contra afirmações tão formais e tão numerosas como estas:

“Eu não vim de moto próprio, mas foi Deus que me enviou. Da parte d’Ele é que vim. Digo só o que vi em casa de meu Pai. Não sou eu quem vo-lo dou, mas meu Pai, que vo-lo preparou. – Eu vou a meu Pai, porque Ele é maior que eu. – Porque me chamais bom? Só Deus é bom. – Eu não falo por mim, porém, meu Pai, que me enviou, é quem me prescreve o que devo dizer. – A minha doutrina não é minha, mas d’Aquele que me enviou. – A palavra que tendes ouvido não é minha, mas de meu Pai, que me enviou. – Não procuro fazer a minha vontade, mas a d’Aquele que me enviou. – Eu vos tenho dito a verdade que aprendi de Deus. – meu sustento consiste em fazer a vontade d’Aquele que me enviou. – Vós, que sois o único Deus verdadeiro, e Jesus Cristo que enviastes. – Meu Pai, em vossas mãos deposito o meu Espírito. – Meu Pai, se é possível, afastai de mim este cálix. – Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? – Eu subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus.”

Quando se lêem semelhantes palavras, pergunta-se como pode vir ao pensamento de alguém dar-lhes sentido diametralmente oposto ao que elas exprimem e conceber uma identificação completa de **natureza** e de **poder** entre o Senhor e o que se declara seu servo?

Quais as peças de convicção deste grande processo, que dura há quinze séculos? Os Evangelhos; outras não há que dêem lugar a dúvidas a respeito do ponto em litígio.

Que se há de contrapor a documentos autênticos, que se não podem contestar, sem atacar a verdade dos Evangelistas e do próprio Jesus – documentos firmados em testemunhos oculares? Opõem uma doutrina, teórica, e puramente especulativa, nascida três séculos mais tarde de uma polémica levantada sobre a natureza abstracta do verbo, rigorosamente combatida, por muitos séculos, e que não prevaleceu senão pela pressão de um poder civil absoluto.

(Continua no próximo número)

(In: OBRAS PÓSTUMAS, ed. Lake, 1ª Parte).

*

*O SORRISO ENRIQUE OS RECEBEDORES SEM
EMPOBRECER OS DOADORES . – MÁRIO QUINTANA.*

*

*DAR O QUE TEMOS É DIFERENTE DE DAR O
QUE DETEMOS . – EMMANUEL.*

*

A ESPERANÇA

“Se a Esperança fosse uma árvore, a Fé seria o tronco e a Caridade a nutrição.” – François C. Liran

A Esperança é o conduto através do qual o cristão conta receber a misericórdia de Deus na Terra e a felicidade após a travessia do *“Esfinge(1) na Barca de Caronte(2)”*.

Sem a Esperança, a vida torna-se um empobrecido e desbotado filme em preto e branco, fenecendo as superiores motivações ensejadoras da força que ajuda a vencer os desafios e vicissitudes a que estamos sujeitos em nosso árduo e milenar carreiro palingenésico...

O pessimista que agasalha em seu coração amarguras e decepções, ostensiva e voluntariamente polui as delicadas fontes psíquicas, desarmando-se dos valores estimulantes da Esperança.

Jesus alertou-nos sobre as aflições que teríamos no mundo, conclamando-nos à perseverança ao mesmo tempo em que pedia nossa irrestrita confiança n’Ele e no Pai Celestial a fim de *“vencermos o mundo”*: mundo interno e externo de dificuldades e limitações (Jo., 14:1 e 16:33).

Nos momentos de aflição, quando os estados depressivos nos ameaçam com as nuvens borrascosas da procela que desaba, estamos convidados pelo Divino Amigo a recordar com frequência os lapsos de nossa vida enriquecidos de alegria e anelar por repeti-los, sobrepondo-nos, destarte, aos acúleos

afligentes, valendo-nos dos vigorosos mecanismos da Esperança para emancipar-nos dos transe adversos.

“Ninguém consegue viver com alegria sem o concurso da Esperança.” Ela deve ser a luz que ilumina as veredas quando as sombras distendem seu manto.

Devemos aprender a ver sempre o lado positivo e melhor dos acontecimentos, não nos descoroçoando ante os insucessos e frustrações nem receando repetir experiências...

A cada tentativa de superar o mal, logramos avançar – impertéritos – nas abençoadas técnicas do otimismo, encarando melhor a vida e harmonizando-nos com ela, mantendo sempre bem viva e lucilando alto a chama da Esperança, nutridos pela imorredora confiança no Pai Celestial que nunca nos deixa órfãos de Sua misericórdia e providência.

Uma vez plantada no solo ainda que agreste e sáfaro das Almas, a Esperança fará reverdecer a paisagem interior, plenificando-a de *“Vida Abundante”*, substituindo o descolorido mundo interior por um jardim de cores exuberantes, pleno de flores de *“Joie de vivre”* (3), e, no terreno, antes calcinado pela descrença e desespero, brotarão os sazonados frutos da Fé e da Caridade em alcandorada messe de luz.

- (1) – um dos cinco rios do inferno grego, também chamado rio do silêncio.
- (2) - velho barqueiro que, segundo a mitologia grega, fazia a travessia das almas dos mortos em troca de uma moeda de

bronze. Por esse motivo os gregos colocavam uma moeda de bronze na boca dos seus mortos.

(3) – traduzindo do francês para o vernáculo “Alegria de viver”.

ROGÉRIO COELHO
(Muriaé – MG – Brasil)

A PREPÓSITO DA BÍBLIA... ... e de Caim

Não gostamos dos livros de Saramago. Emprestaram-nos, uma vez, dois ou três, mas a sua maneira de escrever não despertou a nossa atenção e, contra o costume, pusemos uma e outra obra de parte antes que os nossos olhos atingissem o final. Mas, tomámos conhecimento com um seu livro, que vimos representado por uma Companhia brasileira: “O Evangelho Segundo S. Mateus”, que muito apreciámos. Talvez porque ‘adoramos’ teatro e, mais do que a ideia ali apresentada, estava a maneira como os actores viveram os seus papéis!

Agora, a nossa atenção foi desperta por aquilo que se disse (e continua a dizer) sobre a sua última obra, que não lemos, mas de que ouvimos a defesa do autor naquela meia hora do que foi chamado ‘um debate’, apresentado na SIC, cremos que na noite de 23 (ou 24?) de Outubro, e em que os participantes, para além do locutor apresentador Mário Crespo, foram o referido autor e o Padre Moreira das Neves – o mesmo que escreve que Espiritismo é uma seita! O escritor pediu desculpa das palavras menos próprias

que escreveu na obra, ao referir-se a Deus, e disse das suas razões nas ideias expostas.

Aceitamos a sua opinião (desculpem, queridos leitores se os ofendemos com estas palavras!), e aceitamo-la por dois motivos: o 1º. É que cada um, desde que Portugal é democracia, pode expor livremente as suas ideias que serão, ou não, seguidas pelos restantes; em 2º lugar, por um outro motivo muito mais amplo e que passo a explicar, iniciando-o com umas perguntas para todos: já leram a Bíblia? Perceberam-na? Quantos foram os temas que os deixaram perplexos? Quantos temas (casos) ‘aceitaram’, apenas porque estavam lá escritos e ‘a Bíblia é um Livro Sagrado’? A sua compreensão é tão complexa que, depois desta obra publicada e da polémica gerada em torno da mesma, vem o Papa afirmar que “a Bíblia deve ser compreendida como um todo.” (RTP, noticiário da manhã, rodapé, cremos que em 26/27 de Outubro).

Pois é! Se fossemos a contar todos aqueles que a leram sem a compreenderem, mas seguiram em frente apenas porque ‘estava escrito, portanto era verdade’, chegaríamos, com certeza, à mesma conclusão a que chegou o escritor que só leu ‘o preto no branco’ sem procurar descobrir o que aqueles temas e ‘aquele Deus’ significavam no seu contexto!

Vamos fazer-lhes uma confissão: deixámos de ler a Bíblia, ao fim de várias tentativas, porque não conseguíamos perceber-la; não compreendíamos a ‘exigência’ daquele Deus que tanto pedia provas da fé de cada um, na exigência a um pai para imolar o seu filho (caso de Abraão), como se afirmava arrependido de ter criado as suas criaturas, chamando-lhes ‘raça maldita’! Se Ele era perfeito, como podia agir assim? Mais tarde, quando ‘descobrimos’ a Doutrina Espírita, estudámos a mediunidade e tomámos conhecimento com as diversas escalas de espíritos desde

os pseudo-sábios aos puros; quando compreendemos que os profetas (os médiuns de hoje) viviam como qualquer outra pessoa, sem nenhuma noção do que era reforma íntima e sem nada fazerem por se melhorarem; quando alguns agiam em função dos interesses de momento, nós percebemos, então, a razão de ser de todo ou quase todo aquele desarrazoado que se encontra no Antigo Testamento: os profetas não sabiam distinguir entre os bons e os maus espíritos, entre os sãos e os mistificadores, e aceitavam tudo como sendo ‘a voz de Deus’ – porque ninguém nunca os ensinou a raciocinar nem lhes falou dos Seus atributos, pelo que eles aceitavam – imaginavam – Deus em função das suas maneiras de ser: humanos e imperfeitos! Então, Deus devia ser como eles, que nem procuravam combater os seus vícios nem evitavam as companhias que os podiam prejudicar espiritualmente! Nunca ninguém lhes falou de reforma íntima, nunca escutaram fosse o que fosse de sintonia vibratória! Aqueles que lhes falavam, ou que escutavam intuitivamente, eram “vozes do outro mundo”; portanto, só podiam ser Deus ou um dos seus emissários!

Hoje, tentando saber mais e mais sobre a Doutrina dos Espíritos, aprendemos já que **DEUS É A INTELIGÊNCIA SUPREMA, CAUSA PRIMÁRIA DE TODAS AS COISAS.**

O ‘Livro dos Espíritos’ ensina-nos a existência das diversas ordens de Espíritos, que se podem classificar desde os Espíritos Superiores até à dos Impuros, passando pelos prudentes, pelos sábios, pelos benévolos, pelos batedores ou perturbadores, pelos neutros, pelos pseudo-sábios, levianos e impuros; entre estes, ou fazendo-se passar pelo que não são, os mistificadores, podendo acontecer, no mundo invisível que nos rodeia e mediante o nosso comportamento, atrairmos para nós os melhores ou os piores desta classificação, considerando a Lei de Afinidade à qual todos estamos sujeitos.

No mesmo livro, e a complementar esse capítulo, em ‘A Génese’, lemos, ainda, sobre os atributos de Deus – que nos revelam um Deus completamente diferente daquele outro, à nossa maneira humana de ser!... E pensamos que ‘um dos maiores trabalhos de Jesus’ terá sido a demonstração de que Deus é Pai de Amor e não o Senhor castigador que todos se habituaram a temer; Ele tanto ama o justo como o pecador, de tal maneira que **“faz nascer o sol sobre bons e maus, e vir a chuva sobre justos e injustos”**. Ele, de tal maneira diferente do Ser que Moisés nos fez temer que, quando o jovem rico vai procurar Jesus, chamando-o de ‘Bom’, o Divino Amigo responde-lhe: - **“Porque me chamas de bom? Bom, só meu Pai que está nos Céu!** E Jesus, para que melhor compreendamos o Pai, pergunta ainda: **“Qual é o Pai que, se o filho lhe pedir um pão, lhe dá uma pedra, ou se lhe pedir um peixe, lhe dá uma víbora?”** Se nós, com a nossa imensa imperfeição, não somos capazes de tratar assim os nossos filhos, porque nos trataria tão mal o Pai, que é Perfeição Absoluta? Esse Pai que **“sabe tanto de cada um, que sabe dos cabelos que nos caem da cabeça”**. Para que precisava o Senhor do A.T., de verificar a fé dos seus acólitos?

Foi preciso o esclarecimento da Doutrina dos Espíritos para nós entendermos a Bíblia... Como, pois, pedir a alguém, que ainda por cima se afirma ateu, que a perceba e deixe de falar (escrever) assim desse mesmo Deus que, aceite-o ou não, também o criou a ele! Se a Doutrina Espírita nos ensina a raciocinar e a sermos tolerantes, sejamos, então, tolerantes com quem não sabe tanto como nós... com quem não teve, ainda, a oportunidade que todos nós já tivemos! É que... queiramos ou não, reconhecamo-lo ou não, nós também já fomos assim!

MANUELA VASCONCELOS

NATAL ...

O Menino nasceu... nasceu e adormeceu,
Da manjedoura nas palhinhas deitado.
Mas... dormindo ou acordado
Está em paz. Um sorriso brando
Ilumina-lhe o rosto pequenino!
Ainda não tem cuidados
Nem dias amargurados...
Dorme... e a Mãe vela,
Enquanto o Pai, mais atrás, vela também!
Apenas um trio... família pequena,
Família sagrada, família serena
Unida pelo Amor, pela Esperança
Depositada nas mãos de uma criança!

.....

O Tempo voa, a passar,
E quase sem se notar
A criança cresceu,
Tornou-se homem e com os homens se misturou
Orientando-os para um caminho diferente,
Um caminho onde toda a gente
Dá seus passos para o Pai...
José partiu à frente
E a criança não dorme mais!
Talvez nem naquele tempo, jamais
Ele tenha dormido... Talvez meditasse
Nas palavras a dizer,
De como bem fazer

Para que todos conquistasse!
Talvez... a solução fosse mesmo
Que o outro O matasse
Enquanto as mãos lavasse!

Ele nasceu, viveu... partiu,
Mas continua presente
Para que não nos percamos de novo!
Somos ainda o seu povo
Para o qual Ele afirmou
Que ficaria sempre ,
Até ao final dos tempos... eternamente!

MANUELA

Natal de 2009



A MORTE DO AMOR

Estávamos ouvindo uma música interpretada por uma cantora célebre quando, em determinado momento, nós que apenas ligáramos o rádio para nos sentirmos acompanhada, fomos despertada pelas palavras repetidas que ela entoava, quase que como numa litania: “l’amour est mort! L’amour est mort! O amor morreu...

Ficámos a meditar nas palavras, já que não atentáramos para a restante letra da canção e comparámos, então, a violência que se observa no dia a dia, com a vivência desse sentimento que, notamos tão afastado, infelizmente, de tantos desses seres que nos rodeiam e acabam – desconhecidos ou não – por acompanharem de uma ou outra maneira o nosso dia a dia.

O amor morreu... O amor está morto...

Procuramos o amor nas pessoas que compõem a Sociedade onde, melhor ou pior, todos nos encontramos inseridos e perguntamo-nos como foi que ele se deixou vencer, abafar, matar, no seio daqueles que o dizimaram, quando deveria ser um laço forte a unir pais e filhos e todos os elementos que constituem uma mesma família?.

Como foi que ele recuou até consentir nas lutas fratricidas que separaram uns dos outros, semeando o ódio e a vingança que não deveriam já existir – depois que Jesus esteve entre os homens? A Terra voltou a estar habitada com novos Cains?...

Depois de Jesus... o Irmão Espiritual que o Senhor enviou até nós para nos exemplificar a vivência desse sentimento que deveríamos procurar ser uma constante em cada um?

Estudámos as Leis de Causa e Efeito e a da Reencarnação que nos permite, pela Misericórdia Divina, que as quedas erradas do Passado e aquelas outras em que prejudicámos o nosso próximo possam ir sendo reparadas enquanto, paralelamente, as novas lições que vamos aprendendo e assimilando vão-nos ajudando a conquistar a evolução que se nos faz necessária até atingirmos a meta da perfeição que nos aguarda desde que o Pai nos criou... e se Deus é Amor – e é, não temos a menor dúvida! – e, ao criar-

nos, deixou em nós a semente maravilhosa desse sentimento para o irmos desenvolvendo conforme fossemos “crescendo”, que estamos, então, a perder?

Será que, na imperfeição de quem hesita ainda no caminho a percorrer, estamos confundindo egoísmo com amor e fomentando o primeiro em detrimento do segundo? Será que não percebemos ainda que o que temos de eliminar totalmente para não mais nos prejudicar, é o egoísmo – ultimamente crescendo desordenadamente em todos os corações, tal como a erva daninha que se vai estendendo sem que uma segadora a consiga vencer?

Não podemos continuar a permitir que as coisas boas que já tínhamos aprendido (conquistado) e “saboreado” nas nossas diversas vivências, se percam agora, da mesma maneira que a água nos foge por entre os dedos sem a conseguirmos reter! Somos responsáveis... responsáveis pelos outros – o nosso próximo menos esclarecido – e por nós próprios!

O amor é de essência Divina: podemos deixar que ele adormeça em nós, como se não o sentíssemos, mas não o podemos matar nem permitir que ele morra!

No capítulo VIII de ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’, baseado no tema ‘Bem Aventurados os puros de coração’, no número 19, um Espírito Protector afirma, a determinado passo da sua mensagem:

“ (...) Se tiverdes amor tereis tudo quanto possais desejar na Terra; possuireis a pérola por excelência, que nem os acontecimentos, nem os malefícios dos que vos não amem e vos perseguem, poderão arrebatam. Se tiverdes amor, tereis colocado vosso tesouro onde nem a traça nem a ferrugem os podem alcançar

(o destaque é nosso); *e vereis insensivelmente apagar-se de vossa alma tudo quanto lhe pode macular a pureza; sentireis que o fardo da matéria, dia a dia, se torna mais leve e, como um pássaro que sulca os ares já não se lembra da Terra, subireis incessantemente, subireis sempre, até que a vossa alma, inebriada, possa saturar-se de seu elemento de vida, no seio do Senhor!*”

No olhar lacrimajante de quem nos fite, seja criança, adulto ou velhinho, ele ali está, meio afogado pelas lágrimas, gritando, implorando silenciosamente que o salvem!

Vamos combater a violência de filhos matando pais, de pais violando filhos, de irmãos eliminando irmãos! Vamos lembrar a recomendação de Jesus quando, já perto de nos deixar, recomendou: ***“Amem-se, uns aos outros, como eu vos amei!...”*** Vamos acalentar mais e mais esse sentimento maravilhoso de origem Divina em nós, tal como nós próprios o somos... Ele é a chave que nos abrirá as portas da nossa felicidade futura e espiritual! E, se queremos, realmente, ser felizes, façamos todos o esforço necessário para o trazer à tona, no nosso dia a dia, amando-nos melhor uns aos outros!

Gritemos, para nos ouvirmos, e para que os outros nos ouçam também e juntem a sua voz à nossa voz: o Amor não morreu! O Amor está vivo em todos nós! Vamos viver o Amor!

BRANCA MARIA



PÁGINAS DO PASSADO

Não queirais juntar tesouros para vós na Terra... Porque onde está o vosso Tesouro está também o vosso coração.- Evangelho.

O antiquário tem muita semelhança com o avarento. A ânsia de amealhar, não é menos intensa num do que no outro. A preocupação de ser roubado, a ambos rouba o sono, a ambos rouba o apetite. O avarento sacrifica-se e sacrifica os seus, ao extremo de se privar do necessário para viver com asseio e comodidade, só com a única ambição de juntar, de juntar cada vez mais. O antiquário sacrifica tudo menos as suas velharias; por causa delas perde o seu bom humor e chega a ser insuportável. Importa-se muito mais com as esmurradelas que qualquer dos seus bonecos, qualquer das suas antiguidades possa sofrer do que das arrelias com que, de quando em quando, mimoseia os seus parentes, quem o serve e quem com ele convive, por causa das mesmas velharias. Ele é dos que amam mais as coisas do que as pessoas. Diante dum caco, com feição de coisa rara, extasia-se na sua contemplação, não resiste à tentação de o possuir e dá por ele somas fabulosas. Diante duma aflição de qualquer dos seus semelhantes, pela consternação que o invade, desvia-se e mal tem tempo de dar alguma coisa.

A diferença que existe entre os dois, é que um, junta dinheiro, e o outro, coisas velhas. O avarento é capaz de dar os cacos por mais um centavo, o antiquário é capaz de dar uma fortuna por um caco. Ambos esquecem que são detentores temporários do que possuem e que, uma das qualidades que mais

dignificam os homens, é o melhor aproveitamento das suas fortunas em seu benefício e dos seus semelhantes.

Avarentos propriamente ditos, creio haver poucos, mas antiquários, há muitos; estes, são uma variante daqueles. Ambos imobilizam capitais que muito beneficiariam as ciências, as artes e a filantropia, proporcionando, aos denodados investigadores do bem estar dos povos, os meios de que tanto carecem para as suas investigações, para o aperfeiçoamento da humanidade.

Ambos esquecem que, de tudo que existe no mundo, nada é mais valioso e mais precioso do que o homem. Contudo é frequentíssimo ver debater-se com a miséria uma família inteira porque se lhe regateia o valor do seu trabalho, e ver pagar por alto preço, sem regatear, qualquer coisa, que não tem préstimo algum, que se adquire mais pelo prazer de possuir o que mais ninguém possui do que pela sua antiguidade ou valor artístico.

Salvo o devido respeito à Arte, o exagerado valor que se dá aos objectos antigos imobilizando assim importantes somas de dinheiro, parece-me tão prejudicial como enterrar o dinheiro. E se não fora o benefício que alguns artífices conseguem colher, na imitação das coisas antigas, então poderíamos considerar o antiquário como aquele moço, de que nos fala o Evangelho, na parábola dos talentos.

Felizmente, o barro jamais faltará à cerâmica que reproduz, hoje, tão fielmente, em todas as suas minudências, qualquer caco antigo, que dificilmente os apaixonados lhe distinguem a idade.

A química, não deixará nunca de ser um excelente auxiliar da marcenaria, nas infusões que dissimulam, com tanta eficácia, a natureza e a idade das madeiras, que os mais espertos se enganam.

E, como nestes, em todos os outros ramos da actividade humana, a arte de imitação, aproveita do mal duns, o bem que pode, para outros.

Porque é difficílissima a identificação de muitos dos objectos antigos; e é tão hipotética a identidade que se atribui à maior parte deles como é a de certas relíquias espalhadas pelo mundo inteiro.

MANOEL CAVACO

(Pertenceu aos Corpos Sociais da ‘Sociedade Portuense de Estudos Psíquicos’, e Director, durante vários anos, da Revista ‘Além’, da mesma Associação. Este artigo foi publicado na Revista Espírita ‘Luz e Caridade’, de Braga, em Julho de 1927).

*

LUZ DO NATAL

Luz do Natal! Fogueira de Amor!
Perfume de Sonho, luz de oração.
Manhã divina! Manhã em flor!
Manhã Bendita da Redenção!

Luz do Natal! Luz Alvorada
De um dia, que um dia nos há-de chegar!
O Dia da Paz desejada
Como Irmãos de mãos dadas, a caminhar!...

Luz do Natal! Brandura de arminho
Sobre os escolhos, sobre as arestas,
No piso agreste do meu caminho!

*

Ó Luz do Natal!
Que a Voz que em ti fala
E eu oiço em minha alma
Falando e brandando à Razão:
- Justiça! Justiça!
Mais amor! Mais luz e mais pão!
E menos orgulho; e menos cobiça;
E menos palavras e actos de guerra,
- Se oiça e impere;
Mande, governe,
Nas consciências,
Na face da Terra!

CAETANO DE SOUSA

(Lisboa, Natal de 1950. Publicado na REVISTA DE METAPSICOLOGIA da Federação Espírita Portuguesa, em Dezembro do mesmo ano).

*

O NATAL PERDIDO

Somos do tempo em que não havia televisões, nem computadores... do tempo em que, quando começaram a aparecer os frigoríficos e, depois, as máquinas de lavar roupa, eles pareciam o supra sumo do avanço tecnológico, inventado para facilitar a vida às donas de casa... Do tempo, também, em que os filhos eram educados sem a preocupação de que o ralho dos pais lhes causassem traumas que os levassem a frequentar psicólogos; do tempo em que os alunos respeitavam os professores, que eram os continuadores da educação que os pais nos davam, em casa; do tempo em que as crianças brincavam, nas ruas, sem que existissem o temor de serem raptadas; em que bebíamos água dos copos e garrafas uns dos outros, sem pensarmos em contágios, micróbios, doenças... Dos tempos, afinal, em que as crianças eram mais livres e mais felizes que as de agora!

Nesse tempo, as crianças falavam em Jesus; sabiam que na data comemorativa do seu “aniversário” Ele (os pais: quando suficientemente crescidos deixávamos de acreditar), através do Pai Natal, seu emissário, todos éramos brindados com o presente que era colocado no nosso sapatinho, colocado estrategicamente em cima do poial da chaminé, debaixo da cama, ou atrás da porta, para facilitar a entrada de quem vinha carregado com os presentes para todo o mundo! Como a nossa ingenuidade nos fazia felizes!

Nesse tempo, os presentes não eram importantes pela qualidade nem pela quantidade: um livro, daqueles de fora mais desejado durante os últimos meses, já nos fazia felizes... e quando uma dificuldade maior batia à porta de uma família, se chegada aquela época, em vez de brinquedos recebêssemos um par de sapatos, um

vestido, umas meias... ainda aí, a nossa felicidade era grande porque o que contava era que “o Menino Jesus” tinha-se lembrado de nós!

Com o correr dos tempos e o avanço da tecnologia, em vez de presentes simples, e porque as possibilidades materiais foram sendo melhores, os presentes também ganharam outro aspecto, embora continuassem a ser coisas úteis, que nos serviriam ao longo dos meses futuros.

Naquela época, não havia ruas engalanadas com luzinhas multicores, a atraírem os passantes e futuros compradores das lojas que, assim, atraíam uns e outros... As montras eram montadas com um esmero maior, e as famílias admiravam em conjunto aquilo que podia cativar os interessados menores, pela beleza, e os maiores, pelo s preços...

E, antes de se comemorar o dia festivo, era quase que da praxe irmos todos à Igreja, para a missa do galo: então, vestiam-se, logo ali, as roupas melhores e mais quentinhas porque, depois da missa, todos iríamos beijar o ‘Menino’... No regresso a casa, ceava-se e todos se deitavam excitados e expectantes pela chegada do dia seguinte, ansiosos por se saber o presente que se tinha merecido... e muitas vezes, antes ainda dos mais velhos se levantaram, já os mais novos corriam descalços, sem sentirem o frio intenso do chão, na manhã de Inverno, que parecia ficar mais quente pelo entusiasmo com que eram rasgados papéis e desembulhadas as coisas que de imediato nos encantavam! Às vezes, nem era o que esperávamos ou tínhamos pedido, mas era sempre uma novidade e isso é que se tornava importante!

Mas o tempo continuava a correr... os comerciantes foram tendo coisas sempre mais atractivas para aliciarem uns e outros;

para os mais pequenos, eram as bonecas que falavam, que faziam chichi, que comiam... os brinquedos comandados à distância... A tecnologia ia inventando coisas novas... Depois dos gira-discos foram os leitores de CD, aquelas coisas pequeninas que comportavam tantas músicas, ou mais ainda, que as dos vinil de antigamente... e vieram os computadores... primeiro uns blocos imensos, pesados, logo depois substituídos pelos outros mais elegantes, portáteis... as playstations... as penns... e os iphones, com possibilidade de música para 3, 5, 6 horas...

E para todas as coisas que foram surgindo, os comerciantes foram descobrindo que o último mês do ano já não comportava toda a possibilidade de vendas, mediante a mercadoria que tinham nos estabelecimentos: começaram as vendas do Natal a fazerem-se em Novembro – agora já se começam a fazer em Outubro! Qualquer dia destes, muda-se o ano e as vendas continuam logo ali, sem substituição da mercadoria, para o próximo Natal!

As crianças, mediante as facilidades que os pais lhes passaram a dar, já não se contentavam com uma só lembrança: uma não era nada! Tinham que encher o sapatinho e a meia, pendurada na árvore enfeitada, ou numa qualquer parede... aquela meia que nunca ninguém calçava, porque era descomunal, mas que servia para isso mesmo: para ser cheia com os presentes que elas deveriam receber, porque queriam, porque exigiam, porque não era – não é – nem o Menino Jesus nem o Pai Natal que os oferece, mas o pai, a mãe, os avós, os tios... enfim, toda a família que os queira brindar!



Queixamo-mos – nós, os adultos – do egoísmo das nossas crianças, que nunca estão satisfeitas, que pedem (exigem) sempre

mais; que ainda bem não acabam de receber uma lembrança, mais ou menos barata, mais ou menos cara, e já estão de mão estendida ou a pedirem a próxima... Crianças que nada reconhecem, daquilo que os pais lhes fazem ou dão!

São crianças diferentes do que nós fomos! Cresceram, muitas delas, sem sequer ouvirem falar de Jesus; nunca frequentaram uma aula de moral cristã... e se queremos tocá-las, afagá-las, acarinhá-las, reclamam que as estamos a prender quando querem ir para o pé das amigas! São crianças que não se sentem bem numa casa que não chega a ser um lar, porque a família reúne-se ao fim de semana, quando acontece a reunião; durante os outros dias, ou é o pai ou a mãe, ou um familiar de um dos colegas, que os leva para a escola; passam o tempo ...a fazer horas: horas de ir para casa, horas de que chegue alguém que os leve... horas ... horas... Horas!...O dinheiro da semanada que se lhes dá tem de substituir a ausência dos mais velhos, sempre maior!

Neste desencontro de horas, o Divino Amigo é o grande ausente, porque Ele foi, também, expulso – por comodismo, disposição ou falta de tempo – do coração dos familiares... O Natal pode ser um dia festivo mas não é, com certeza, uma comemoração familiar: é, antes, um dia/noite de troca de presentes, cada qual vendo quem foi que deu o mais caro...

E onde ficou Jesus? Aquele que disse “Amem-se uns aos outros como eu vos amei”? Será preciso ir-se a uma Igreja para o encontrar? Mas... só se vai ver a sua imagem maior ou menor em pedra ou gesso, mediante o gosto de quem gerir o templo! Como é que o vamos colocar, de novo, no coração das criaturas? Como é que vamos explicar às criaturas, que nunca ouviram falar dele, que há dois mil anos atrás (há um pouco mais, mas assim já serve para arredondar a data), um enviado de Deus esteve na Terra, entre os

homens, e disse para aqueles que O rodearam: “Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino dos céus”?

Pensamos, sim!, pensamos, que hoje há mais doenças cardíacas porque os homens expulsaram Jesus dos seus corações! Estão mais voltados para a parte material da vida, preocupados num acumular de bens palpáveis que mais tarde ou mais cedo virão a perder, quando a traça, a ferrugem ou os vermes os corromperem... ou a morte os afastar de todos eles!

A tecnologia invadiu os corações e os lares... lares onde as crianças também escasseiam porque as despesas e sobrecargas com os custos materiais levam a que os casais pensem em ter menos filhos... Eles dão tanto trabalho! E se puderem ser substituídos por uma televisão maior, mais moderna, ou por um carro último modelo, mais potente na estrada... será que a troca não será mais rendável?

Não... não é heresia! Há casais que pensam assim, embora, graças a Deus, não sejam ainda muitos! E há casais que lutam por terem um filho, sem o conseguirem... e quando perdem a esperança, voltam-se para a adoção e esperam anos... anos!, porque querer-se criar uma criança, rejeitada pelos pais biológicos, é tão ou mais difícil do que conseguir-se o milagre de uma gestação! Às vezes, depois de uma luta quase insana, um deles já tem o organismo depauperado por uma doença incurável... ou já desistiu do casamento... ou já desistiu de ser pai!

E o Natal? O Natal continua? O Natal continua... não, comemorando o nascimento da Criança que, um dia, veio à Terra para nos ensinar o caminho para o Pai, deixando-nos um código de valores morais ainda não ultrapassado, mas como uma festa quase pagã, onde se discutem preços e outros valores materiais!

Por favor! Vamos reacender a chama do verdadeiro Natal? Vamos convidar Jesus a partilhá-lo connosco? E vamos partilhá-lo, nós que, melhor ou pior, ainda o conseguimos festejar, vamos partilhá-lo com aqueles ou alguns daqueles que não o podem ter, devido às carências que os acompanham no dia a dia?

Vamos abrir, de novo, os nossos corações para Jesus, dar-lhe as boas-vindas, fazer d'Ele o nosso convidado de honra?

Se o fizermos, quando o fizermos, como o fizermos, - então, sim!, será Natal outra vez e a paz do Divino Amigo espalhar-se-à por todos os corações!

MANUELA VASCONCELOS



QUATRO VELAS A ARDER...

Quatro velas estavam queimando calmamente. O ambiente estava tão silencioso que se podia ouvir o diálogo entre elas.

A primeira, disse: - Eu sou a PAZ e apesar da minha luz, as pessoas não conseguem manter-me acesa. Em seguida, a sua chama, devagarinho, se apagou totalmente.

A segunda, disse: - Eu me chamo FÉ! Infelizmente, sou supérflua para as pessoas. Elas não querem saber de Deus, por isso não faz sentido continuar queimando.

Ao terminar a sua fala, um vento bateu levemente sobre ela e a chama se apagou.

Baixinho e triste a terceira vela se manifestou: - Eu sou o Amor! Não tenho mais forças para queimar. As pessoas me deixam de lado, porque só conseguem enxergar elas mesmas, esquecem até daquelas que estão à sua volta. E também se apagou.

De repente, chegou uma criança e viu as três velas apagadas...

- Que é isto? Vocês devem ficar acesas e queimar até ao fim.

Então, a quarta vela falou: - Não tenhas medo, criança. Enquanto eu estiver acesa, poderemos acender as outras velas.

PAUSA PARA REFLEXÃO:

Quando apagamos as chamas da PAZ, da FÉ e do AMOR, ainda assim, nem tudo está perdido... Alguma coisa há de ter restado dentro da gente. E isso tem que ser preservado, acima de tudo...

Então, a criança pegou a vela da ESPERANÇA e acendeu novamente as que estavam apagadas.

PAZ FÉ AMOR ESPERANÇA

Que a vela da ESPERANÇA nunca se apague dentro de você!

Ela é a nossa luz, no fim do túnel. O caminho da felicidade precisa, antes, ser pavimentado com esperança...

A felicidade nem sempre bate à nossa porta. Para tê-la, é preciso uma busca incessante, e ao encontrá-la, ter a coragem de trazê-la para dentro de nós!

ANÓNIMO

(Mensagem, com imagens, enviada pelo Irmão Castelão, via internet).

*

N A T A L

*“Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa vontade para com os homens.-
(Lucas, 2:14)*

As legiões angélicas, junto à Manjedoura, anunciando o grande Renovador, não apresentaram qualquer palavra de violência.

Glória a Deus no Universo Divino. Paz na Terra. Boa vontade para com os homens.

O Pai Supremo, legando a nova era de segurança e tranquilidade ao mundo, não declarava o Embaixador Celeste investido de poderes para ferir ou destruir. Nem castigo ao rico avarento. Nem punição ao pobre desesperado. Nem desprezo aos fracos. Nem condenação aos pecadores. Nem hostilidade para com o fariseu orgulhoso. Nem anátema contra o gentio inconsciente.

Derramava-se o Tesouro Divino, pelas mãos de Jesus, para o serviço da Boa Vontade.

A justiça do “olho por olho” e do “dente por dente” encontrara, enfim, o Amor disposto à sublime renúncia até à cruz.

Homens e animais, assombrados ante a luz nascente na estrebaria, assinalaram júbilo inexprimível...

Daquele inolvidável momento em diante a Terra se renovaria.

O algoz seria digno de piedade.

O inimigo converter-se-ia em irmão transviado. O criminoso passaria à condição de doente.

Em Roma, o povo gradativamente extinguiria a matança nos circos. Em Sidon, os escravos deixariam de ter os olhos vazados pela crueldade dos senhores. Em Jerusalém, os enfermos não mais seriam relegados ao abandono nos vales da imundície.

Jesus trazia consigo a mensagem da verdadeira fraternidade e, revelando-a, transitou vitorioso, do berço de palha ao madeiro sanguinolento.

Irmão, se ouves no Natal os ecos suaves do cântico milagroso dos anjos, recorda que o Mestre veio até nós para que nos amemos uns aos outros.

Natal! Boa Nova! Boa Vontade!...

Estendamos a simpatia para com todos e comecemos a viver realmente com Jesus, sob os esplendores de um novo dia.

EMMANUEL

(In: FONTE VIVA, capítulo 180, psicografia de Francisco C. Xavier).

